

DISCURSO HUMORÍSTICO E COGNIÇÃO EMERGENTE: ANÁLISE DE OCORRÊNCIAS DO ITEM “CU” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Humorous discourse and emergent cognition: analysis of
occurrences of “cu” item in Brazilian Portuguese*

JOÃO PAULO DA SILVA NASCIMENTO

Doutor (2025) e Mestre (2022) em Linguística pela Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Professor do Departamento de Letras-Libras da FL-UFRJ

E-mail: jpnascimento@letras.ufrj.br

Resumo: Partindo do arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, especificamente das noções de *frame* e de integração conceitual na metáfora e na metonímia (Kövecses, 2020; Littlemore, 2015; Forceville, 2006), objetivamos neste artigo, uma análise qualitativa de dois *reels* publicados no Instagram, os quais indicam a produtividade do item “cu” em diferentes padrões mais esquemáticos de forma e sentido, emergentes no domínio semântico do discurso humorístico. Os resultados demonstram que, além de satisfazerem a máximas que regulam o funcionamento do gênero humorístico, as expressões analisadas moldam-se a partir de integrações conceituais que garantem o efeito cômico estável na comunidade de fala.

Palavras-chave: humor; construções com “cu”; relações conceituais.

Abstract: Starting from the theoretical framework of Cognitive Linguistics, specifically the notions of frame and conceptual integration in metaphor and metonymy (Kövecses, 2020; Littlemore, 2015; Forceville, 2006), we propose, in this article, a qualitative analysis of two reels published on Instagram, which indicate the productivity of the item “cu” in more different schematic patterns of form and meaning, emerging in the semantic domain of humorous discourse. The results demonstrate that, in addition to satisfying the maxims that regulate the functioning of the humorous genre, the expressions analyzed are shaped by conceptual integrations that guarantee a stable comic effect in the Brazilian Portuguese speech community.

Keywords: humor; constructions with “cu”; conceptual relations.

INTRODUÇÃO

De acordo com Borges (2024), o item “cu”, objeto deste artigo, tem origem no termo latino <culus>, cujo significado original remete a “pequeno recipiente”. Com o passar do tempo e diferindo-se de outros países falantes de português, tal construção lexical passou a ser associada ao domínio pejorativo no Brasil, como consta no verbete do Dicionário Online de Língua Portuguesa¹. No entanto, como aponta Carmelino (2018), usos do item “cu” em diferentes expressões são característicos, também, de variantes estilísticas recorrentes em interações humorísticas. Desta feita, este artigo nasce da curiosidade pela compreensão dos processos cognitivos que motivam usos cômicos do termo “cu” no Português Brasileiro (PB) em uso.

No discurso humorístico, observamos que a carga pejorativa prototípica da categorização dos chamados “palavrões” em nossa língua parece ceder espaço a motivos para o riso, o que chama nossa atenção, pois

(...) para alguém que olha a língua com uma perspectiva científica, (...) essa percepção dos palavrões serve somente para sugerir uma série de questões. Se os palavrões são tão ruins assim, por que eles existem? Aliás, por que eles são ruins? (...) E, afinal, o que faz de uma palavra um palavrão? (Basso, 2018, s.p.).

31

Em vista disso, propomos um estudo inicial de usos de expressões com “cu”, emergentes em produções humorísticas retiradas da rede social *Instagram*, tendo como balizas os seguintes questionamentos:

(i) De que maneira construções com a palavra “cu” no PB vinculam-se semanticamente ao domínio do humor?

(ii) Que operações cognitivas podem ser contempladas na integração conceptual de construções com “cu” no discurso humorístico?

Tais questões, neste texto, serão abordadas à luz de referenciais teóricos sobre o discurso humorístico (Bergson, 1978; Attardo, 2017; Helitzer; Shatz, 2005) e da Linguística Cognitiva (Kövecses, 2020; Littlemore, 2015; Forceville, 2006), uma vez que trabalhamos com a hipótese de que as escolhas feitas intuitivamente por falantes em um dado domínio discursivo não são arbitrárias, mas subsidiadas por aspectos lin-

1 [Cu - Dicio, Dicionário Online de Português](#)

guístico-cognitivos típicos de nossa experiência sociocultural e corporal, um dos primados centrais da abordagem cognitivista. Neste recorte, constituem-se objetivos do trabalho:

(i) Mapear construções com a palavra “cu” no PB no discurso humorístico em produções audiovisuais, especificamente em dois *reels*;

(ii) Identificar teorias do humor acionadas na emergência de construções com “cu” no contexto cômico;

(iii) Analisar relações metafóricas e metonímicas na integração conceptual de construções com “cu”.

Fincado nesses compromissos, o artigo se divide em duas seções além desta introdução e das considerações finais. Na seção a seguir, apresentamos as noções teóricas nas quais embasamos nossa análise, assinalando a união produtiva entre as teorias do humor e a Linguística Cognitiva, conforme vêm apontando Nunes (2021) e Bernardo e Nunes (2023). Em seguida, após a apresentação de nossas escolhas metodológicas, procedemos à análise do discurso humorístico, mirando na compreensão e discussão da integração conceptual nas construções com o item “cu”.

32

TEORIAS DO HUMOR E LINGUÍSTICA COGNITIVA

Nesta seção, articulamos o estudo do humor à visão cognitivista da linguagem, com vistas a demonstrar a aproximação destes dois domínios e expor suas convergências imprescindíveis à análise das ocorrências do item “cu” nos *reels* que compõem o *corpus* deste trabalho. Entendemos, sobretudo, que o efeito cômico se trata de uma questão de linguagem e que, nesse sentido, as noções de *frame* e de integração conceptual, que integram o escopo teórico da Linguística Cognitiva, têm a oferecer um repertório analítico de relevância não apenas às amostras linguísticas produtivas nesse contexto, como também à própria compreensão do funcionamento do discurso humorístico em sua dimensão sociocultural e sociocognitiva.

Como destaca Voese (1989), o humor é uma manifestação complexa e multifacetada presente em diversas formas de expressão humana, abrangendo, inclusive, o âmbito linguístico em diferentes esferas, como, por exemplo, a estruturação e o funcionamento do discurso. Assim, ancorados nesta perspectiva, trazemos à tona uma

discussão sobre como as teorias do humor nos permitem explicar por que certos estímulos provocam risos e como ocorrem os processos cognitivos subjacentes que se relacionam ao uso da língua.

Antes de adentrarmos às teorias do humor propriamente, é preciso destacar que o estudo do humor é um campo interdisciplinar que envolve diversas áreas do conhecimento, tais como a psicologia, a sociologia, a linguística, a filosofia e a neurociência (Bergson, 1978). Diversos teóricos, tais como Attardo (2017) e Helitzer e Shatz (2005), contribuíram para esse entendimento, oferecendo hipóteses diversas, de modo que podemos pensar em algumas macrocategorias que compreendem os aspectos biológicos, psicológicos, cognitivos e sociais.

Estudos demonstram que o humor tem um correlato fisiológico, podendo ser contemplado do ponto de vista de suas bases neurobiológicas. Essa abordagem, de modo geral, vem identificando áreas cerebrais associadas ao processamento do humor, como o córtex pré-frontal e o sistema límbico, e sugerem, assim, que o humor tem raízes biológicas, as quais moldam as maneiras como percebemos e respondemos a situações por nós categorizadas como engraçadas. Além disso, nesta mesma seara, há a identificação de que o humor não apresenta somente correlato neurobiológico, como também mental, na medida em que sua apreciação pressupõe processos cognitivos subjacentes, seja no que se refere à discrepância entre expectativas e realidades dos falantes, seja no tocante à importância dos esquemas mentais na criação de humor por meio da quebra de padrões.

33

Na mesma perspectiva, podemos entender que características individuais influenciam na percepção do humor de modo particular, como demonstram abordagens mais alinhadas ao campo psicológico (Kupermann, 2010). No ensaio *O Humor*, Freud (1972), por exemplo, já mencionava a relação do alívio com o cômico, sugerindo que o humor atua como uma válvula de escape para tensões acumuladas. Também neste campo destaca-se o nome de Hobbes (1839), que argumentou sobre a sensação de superioridade em relação aos nossos pares e o modo como esta característica humana se relaciona diretamente ao riso. Obviamente, toda essa discussão, que aqui trazemos *en passant*, não deixa de lado o componente sociocultural pressuposto na construção do humor, uma vez que não raras vezes ele resulta da quebra de expectativas sociais, o que pode induzir a leitura do riso como uma maneira de reforçar normas e hierarquias da sociedade.

Em vista disso, notamos que o humor se caracteriza como um fenômeno universal e complexo, em que compõem e interagem diversos aspectos da experiência humana. Entendemos, dessa maneira, que a estruturação de teorias do humor busca desvendar quais pilares se encontram mais ou menos enfocados quando se há a produção do cômico, sendo sua divisão muito mais didática do que factível. Tratamos, assim, das teorias da superioridade, do alívio e da incongruência, destacando seus mecanismos cognitivos.

Proposta por Thomas Hobbes (1839) e posteriormente desenvolvida por estudiosos como Herbert Spencer (1879), a Teoria da Superioridade sugere que o humor deriva do sentimento de superioridade percebida, relacionando-se a aspectos psicológicos e sociais. De acordo com essa proposta, rimos quando nos sentimos superiores a uma situação, a outras pessoas ou a nós mesmos, estando o cerne desta abordagem na premissa de que o riso surge como uma resposta à percepção de falhas, das inadequações ou de comportamentos que julgamos inferiores. É o que ocorre, por exemplo, quando rimos de uma piada que ridiculariza alguém por um traço físico ou uma característica comportamental específica, realçando uma suposta superioridade do ouvinte sobre o alvo da piada. Vale ressaltar que, para este paradigma, o riso proporciona uma sensação de poder ou superioridade sobre o objeto do humor, reforçando, por vezes, estigmas sociais.

34

Já em relação à Teoria do Alívio, altamente relacionada aos aspectos psicológicos, temos a tese de que o riso surge quando uma carga emocional é liberada, proporcionando um escape temporário de um desconforto psicológico, de uma tensão. Em termos cognitivos, o riso está para a Teoria do Alívio como uma “descarga emocional”, a partir da qual o inconsciente subverte tabus e revela pensamentos reprimidos, materializando-se no efeito humorístico.

Por fim, temos a Teoria da Incongruência, para a qual o humor evoca uma discrepância entre elementos que figuram na cena de que se ri, sendo ele emergente da quebra de expectativas entre o esperado e o real. Piadas e trocadilhos que exploram duplos sentidos ou ambiguidades linguísticas e criam uma incongruência entre as interpretações literal e figurativa são exemplos de contextos em que o humor ocorre quando um elemento inesperado é introduzido, desafiando as expectativas do público.

Essas teorias do humor emergem como ferramentas importantes para decifrar as nuances do riso e enriquecer nossa compreensão da manifestação do discurso cômico em suas diferentes dimensões, relacionando-se, inclusive, com a Linguística Cogniti-

va, conforme apontam Bernardo e Nunes (2023). Tal entrosamento, portanto, destaca como a percepção do humor está intrinsecamente ligada aos processos cognitivos, à compreensão de metáforas e à interpretação de incongruências, revelando-se não apenas como um fenômeno social, mas também como uma janela para os mecanismos mentais subjacentes à nossa experiência sociocultural em uma sociedade que categoriza, de maneiras específicas, as formas linguístico-discursivas que causam o riso.

Entendemos, nesse sentido, que nossa capacidade cognitiva para produzir, processar e estocar significados é

“(...) resultado de particularidades do intelecto aliadas às atividades socio-culturais, históricas, culturais, ideológicas nas quais a comunicação torna-se a realização concreta da faculdade humana de processar as informações e fazer com que elas produzam significado no mundo” (Costa, 2019, p. 19).

Portanto, para o entrosamento entre as teorias do humor e a Linguística Cognitiva, a nosso ver, são oportunas e imprescindíveis as concepções de *frame* e de integração conceptual na metáfora e na metonímia.

Para utilizar uma metáfora bastante difundida na área, em Linguística Cognitiva, consideramos que “a linguagem visível é somente a ponta do iceberg da construção invisível do significado que se processa quando falamos ou pensamos” (Fauconnier, 1997, p. 02). Nesse sentido, chamamos atenção particular à acepção de significado nessa abordagem, o qual se define por um sistema simbólico, sociocultural e construído por meio da experiência, não sendo, portanto, mero reflexo do mundo. Por isso, nessa perspectiva, a forma linguística não tem significado apriorístico, mas é um condutor para a construção de sentidos. 35

A partir dessa visão de significado, no âmbito da Semântica Cognitiva, temos a noção teórica de *frame*. Este conceito, desenvolvido por Fillmore (1976), diz respeito a sistemas estruturados de conhecimento que são armazenados em nossa memória prolongada a partir da esquematização de nossas experiências. Em outras palavras, os *frames* fornecem estruturas conceptuais para interpretar o significado sempre construído de uma palavra e/ou expressão.

Dessa maneira, os significados assumidos por palavras e sintagmas estariam subalternos a *frames* específicos ativados por essas formas. Então, por exemplo, poderíamos distinguir a diferença entre os itens lexicais *flesh* e *meat*, do inglês, a partir da no-

ção de *frames*: diríamos, com efeito, que apesar de significarem *carne*, o que justifica a presença de ambos os termos no sistema linguístico do inglês sincrônico são os *frames* que cada um deles evoca: quanto a *flesh*, temos o frame da anatomia ('carne' como matéria corporal); quanto a *meat*, o de alimento ('carne' como mantimento). Nesta teoria, os *frames* são fundamentais para a compreensão semântica de um item situado no uso da língua, pois representam como categorizamos, entendemos e contextualizamos informações em nossa cognição. Por isso, em um determinado contexto, mudanças de *frames* podem produzir efeitos de sentido específicos, devido a alguns fatores ligados à maneira como estabelecemos sentidos enquanto comunidade de fala.

O humor, por exemplo, muitas vezes surge quando há uma alteração inesperada ou uma quebra de expectativas em relação a um *frame* estabelecido, isto é, quando uma situação é apresentada de uma maneira que contradiz as expectativas convencionais ou os *frames* esperados, levando a uma incongruência que pode resultar no riso². Piadas de trocadilhos, nas quais a mudança de *frames* ocorre pela exploração de múltiplos significados de uma palavra, ilustram bem essa situação, pois a tendência, nestes casos, é que o espectador inicialmente interprete o termo em um contexto específico, mas a reviravolta revela outro significado, de modo a provocar uma incongruência que gera o humor.

36

Daí destacamos a relação entre mudança de *frames* e humor, o que nos permite analisar como a manipulação de estruturas mentais organizadas pode ser uma ferramenta eficaz na geração de comédia, uma vez que ao compreender como a mudança de *frames* influencia na percepção, podemos explorar os mecanismos cognitivos subjacentes ao riso e enriquecer nossa compreensão da interação entre linguagem, cognição, discurso e humor. Além disso, em Linguística Cognitiva, a metonímia e a metáfora baseiam-se na nossa capacidade cognitiva de mapear domínios conceptuais relacionados uns aos outros, de modo a integrá-los e produzir sentidos que suplantam aspectos formais (Kövecses, 2020). No discurso humorístico, em particular, essas duas operações cognitivas, a metonímia e a metáfora, auxiliam no estabelecimento de

2 Rimos da incongruência porque ela rompe nossas expectativas de forma inesperada, porém segura, ativando um mecanismo cognitivo de surpresa seguido de prazer. Quando nos deparamos com uma discrepância entre o que esperamos e o que acontece (e.g. como uma ideia absurda, uma imagem contraditória ou um desvio inesperado de linguagem), nosso cérebro reconhece essa quebra de padrão, processa rapidamente a ambiguidade e, ao resolvê-la sem ameaça, aciona circuitos de recompensa ligados ao prazer e ao alívio. O riso, nesse sentido, é uma resposta emocional à resolução bem-sucedida de uma incongruência percebida, funcionando como sinal social de que compreendemos e aceitamos a situação como lúdica.

comparações que vão promover, entre outras coisas, mudanças de *frames* e enquadramentos de domínios específicos.

A metonímia se baseia em associações contextuais ou relacionamentos contíguos, conforme Lakoff e Turner (1989). Assim, ocorre metonímia quando um elemento substitui outro com o qual está associado de maneira específica ou frequentemente observada. Essa associação pode ser baseada em relações de causa e efeito, parte-todo, instrumento-objeto, lugar-objeto, entre outras. Trata-se, de acordo com Croft (1993), de uma integração conceptual em que se percebe o realce de um domínio específico dentro de uma matriz mais complexa e abstrata, como percebemos na sentença “*Machado de Assis é difícil de ler*”, na qual o domínio-autor é ressaltado dentro do modelo cognitivo idealizado relativo à obra de Machado de Assis. Dito de outra maneira, a metonímia pode ser compreendida como um processo em que uma palavra ou expressão é usada para representar algo relacionado ou associado ao seu significado original, desempenhando um papel importante em diferentes modos de comunicação e criação de significado por ocupar um lugar central em nossos processos cognitivos atrelados à criatividade linguística (Ferrari, 2016; Littlemore, 2015).

Da mesma maneira, as metáforas conceptuais, enquanto um mecanismo de processamento e representação do pensamento humano, consistem no entendimento de um domínio conceptual em termos de outro, conforme apontam Lakoff e Johnson (1980) e Kövecses (2020), o que geralmente ocorre via processo de mesclagem conceptual, isto é, “uma operação mental que pode ser considerada a origem da nossa aptidão para inventar novos sentidos” (Ferrari, 2016, p. 120). Por isso, a Metáfora Conceptual é inerente à capacidade cognitiva humana, posto que o pensamento se mostra essencialmente metafórico (Forceville, 2006), como podemos visualizar em enunciados como “o professor venceu os alunos na discussão” e “o PT tem suas raízes no compromisso com a democracia”, que evocam, respectivamente, as metáforas ARGUMENTO É GUERRA e ORGANIZAÇÕES SOCIAIS SÃO PLANTAS.

À vista disso, podemos nos questionar de que maneiras essa união promissora entre as teorias do humor e pressupostos basilares da Linguística Cognitiva lançam luz à análise de fenômenos de motivações linguístico-discursivas, como o riso. Valendo-nos desse instrumental teórico, na próxima seção, analisamos instâncias do item “cu” no contexto humorístico, de modo a assinalar as relações entre integração conceptual e a construção do humor, partindo da premissa de que as escolhas linguísticas que os falantes fazem intuitivamente de seu repertório cognitivo em um determinado

contexto não são aleatórias, mas reguladas por forças cognitivas, semânticas e pragmáticas subjacentes.

DISCURSO HUMORÍSTICO E INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL EM EXPRESSÕES COM “CU”

A presente seção tem como objetivo analisar o funcionamento cognitivo e discursivo de expressões de base corporal que envolvem a palavra “cu” em contextos humorísticos, especialmente na linguagem cotidiana. A escolha desse campo lexical não se fundamenta na densidade semântica e pragmática que tais expressões mobilizam, frequentemente articulando julgamentos sociais, estratégias de impolidez e jogos linguísticos baseados em polissemia, metonímia e analogia. Partimos do pressuposto de que essas construções se tornam particularmente expressivas por meio de processos de integração conceptual (Fauconnier; Turner, 2002), os quais sustentam a construção de significados humorísticos a partir da sobreposição de domínios e da compressão de relações incongruentes.

38

Para explorarmos esse fenômeno, a seção será organizada em duas partes. Na primeira, apresentaremos o *corpus* selecionado, os critérios de coleta e categorização dos dados e o modelo analítico utilizado para a identificação dos mecanismos de integração conceptual presentes nas expressões humorísticas com “cu”. Na segunda, discutiremos os dados analisados à luz dos pressupostos teóricos adotados, com destaque para os padrões emergentes e os efeitos humorísticos recorrentes. Com isso, buscamos compreender de que modo o discurso humorístico se ancora em operações cognitivas sofisticadas e como expressões de base corporal funcionam como pontos de acesso a avaliações sociais, posicionamentos ideológicos e efeitos de comicidade no uso da linguagem.

ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Em termos metodológicos, este estudo se caracteriza por adotar uma abordagem qualitativa, a partir da qual vislumbramos a análise de dois *reels* publicados no Instagram. Os *reels* podem ser compreendidos como um gênero emergente da alta tecnologia e propagação das redes sociais, que passou a ter um maior impacto a partir de

2020, possivelmente devido à oferta de opções de entretenimento durante a pandemia de Covid-19. Enquanto um gênero multimodal (Sousa *et al*, 2021), os *reels* apresentam algumas características básicas, tais como a) formato curto e vertical; b) duração de até 60 segundos; c) possibilidade de junção de fotos, vídeos, músicas e textos etc.

Os *reels* escolhidos para constituírem nosso *corpus* de análise neste artigo foram produzidos por seus perfis-autores em uma perspectiva humorística, isto é, com o intuito de produzir graça, como de praxe neste gênero (Ruiz, 2025). Ambos têm algo em comum: o fato de trazerem à baila, como motivo de graça, usos da palavra “cu” que são recorrentes na sociedade brasileira e que, de alguma maneira, produzem efeito cômico. Decorre daí nossa opção por escolhê-los, em detrimento de uma análise exaustiva de muitos dados, pois entendemos que sua ampla propagação ocorre pela identificação em massa, ou seja, pelo fato de que os falantes reconhecem e usam os exemplares no domínio semântico-discursivo do cômico.

Além disso, em relação à acessibilidade, indicamos que os dois vídeos se encontram em domínio público e podem ser encontrados a partir dos QR Codes a seguir³:

Figura 1 - QR Code para o Reel 1 “Expressões com a palavra cu” (@portuguesdesucesso)

39



Fonte: Elaboração própria.

Figura 2 - QR Code para o Reel 2 “Top 5 expressões com cu” (@oijuvi)



Fonte: Elaboração própria.

3 O acesso também pode ocorrer por meio dos seguintes links: <https://www.youtube.com/shorts/pzRTrhP4igI> . https://www.youtube.com/watch?v=IBY0wc_42JA

Para nossa análise, primeiramente identificamos os tipos de construções com “cu” nos materiais. Diante desses dados, atentamo-nos a dois critérios principais, a saber: (i) ao modo como esses usos permitem, em maior ou menor grau, a percepção das teorias do humor e (ii) se podem ser, ou não, analisáveis à luz de relações metafóricas e metonímicas subjacentes ao seu uso neste contexto de humor. Os resultados são apresentados a seguir.

RESULTADOS

Nesta subseção, apresentamos os resultados aos quais chegamos a partir da base teórica e dos caminhos metodológicos elencados anteriormente. Inicialmente, indicamos que, no decorrer da análise dos *reels* que constituem nosso *corpus*, foram identificadas 13 (treze) ocorrências de expressões com o item lexical “cu”, as quais listamos a seguir:

- 1) *Cu* que não passa uma agulha.
- 2) Teu *cu*.
- 3) *Cu* doce.
- 4) O que tem a ver o *cu* com as calças?
- 5) Quem tem *cu* tem medo.
- 6) Nascer com o *cu* virado pra lua.
- 9) Só se eu der o *cu*.
- 10) Fogo no *cu*.
- 11) Cair o *cu* da bunda.
- 12) *Cu* na mão.
- 13) Se eu tivesse dois *cu*, te dava um.

40

Em relação à(s) maneira(s) que essas ocorrências se vinculam às teorias do humor, notamos uma satisfação não categórica, mas radial, desses usos. A análise desse fenômeno de proeminência de expressões com “cu” no domínio humorístico revela uma tendência à utilização de linguagem classificada como vulgar como uma es-

estratégia humorística fundamentada na quebra de tabus e na transgressão de normas sociais, remetendo à Teoria do Alívio. Entendemos, ainda, que essas expressões frequentemente são empregadas para destacar situações incongruentes, desconfortáveis ou absurdas, permitindo aos falantes expressarem-se de forma direta e irreverente, dada à flexibilidade do que pode/deve ser dito neste contexto específico. Por isso, neste domínio, tais usos proporcionam um alívio cômico ao falante e aos interlocutores, que se divertem com a inesperada violação das expectativas linguísticas e sociais.

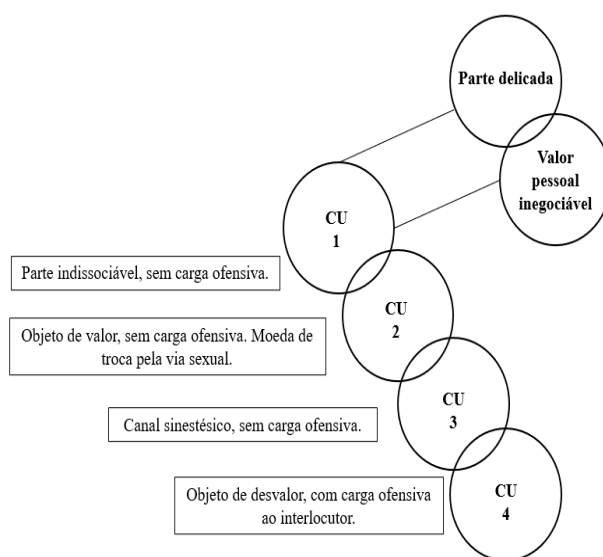
Desse modo, quanto ao primeiro aspecto, isto é, a recorrência das teorias do humor nos usos do item “cu”, analisamos que as ocorrências no PB parecem estar intrinsecamente ligadas à busca por humor através da subversão de convenções, sendo percebidas como uma forma de exercício de poder discursivo e de libertação da restrição linguística imposta pelas normas provenientes de categorizações e acordos sociais sobre a linguagem e seu uso. Frente a isso, além de entendermos que as ocorrências se vinculam a essas teorias do humor, endossamos que considerá-las assinala como a análise linguística pode contemplar também as camadas mais sutis do significado situado na interação social, de modo a refletir sobre a construção do discurso humorístico e suas particularidades pragmáticas.

41

Além disso, como dissemos, nossa principal hipótese foi a de que essas escolhas intuitivas dos falantes no contexto humorístico são motivadas e consubstanciadas por processos atrelados a aspectos empíricos e sociocognitivos recrutados ao longo do uso da língua. Primeiramente, a partir dos dados listados de (1) a (13), observamos que todos refletem a questão da experiência corporificada, pois uma parte do corpo é conceitualmente posta em evidência. Ainda, em cada um dos casos, a corporificação assume nuances semânticas específicas, as quais, de acordo com nossas pressuposições, demonstram integrações conceptuais específicas, realçando a presença da metáfora e da metonímia como mecanismos envolvidos na emergência dessas expressões.

Para comentarmos os aspectos da integração conceptual, propomos, inicialmente, um esquema geral em que buscamos situar, por meio de um *cline*, as relações conceptuais gerais identificadas nos usos de “cu” presentes em nosso *corpus*. A partir desse esquema (Figura 3), em relação aos nossos dados, percebemos que o item “cu”, associado aos *frames* de delicadeza, parte e valor, pode apresentar 4 (quatro) vinculações cognitivas, as quais acionam metáforas e metonímias conceptuais distintas.

Figura 3 - Esquema geral das relações conceptuais envolvendo o *cline* de usos de “cu”



Fonte: Elaboração própria.

Em relação ao primeiro grau de representação no esquema, em que “cu” remete à semântica de parte indissociável sem carga ofensiva, notamos duas metonímias conceptuais possíveis, as quais ilustramos com os dados “O que tem a ver o *cu* com as calças?” e “Cair o *cu* da bunda”. É possível que, no primeiro dado, esteja em atuação a metonímia ilocucionária EFEITO POR CAUSA, prototípica de construções “O que X tem a ver com Y?”, sendo o item “cu” recrutado para compor o *slot* X por seu valor semântico de quebra de expectativa, o que confere um efeito de ênfase coerente com a distribuição funcional da construção. Já em relação ao segundo, percebemos uma metonímia PARTE-TODO a partir da qual se realça, por meio da redução ao absurdo, uma estratégia também atrelada ao efeito humorístico, a impossibilidade de desassociação de algo particular de seu correlato geral.

42

No segundo grau, em que “cu” é conceptualizado como uma moeda de troca pela via sexual, observamos tanto a atuação de metonímia, quanto a de metáfora. Analisando os dados “Se eu tivesse dois cu, te dava um”, “Só se eu der o cu” e “Quem tem cu tem medo”, percebemos que a metáfora CU É OBJETO DE VALOR mostra-se procedente, na medida em que essa parte do corpo é tomada como um presente de difícil conquista. Essa metáfora é corroborada pela análise semântica das ocorrências que nos permite contemplar o trânsito de sentidos entre “transferência/posse de algo valioso”,

“expressão de gratidão” e “estratégia de persuasão”, a partir da vinculação de “cu” ao *frame* da delicadeza, da fragilidade e de algo a ser protegido.

Ademais, esses mesmos dados parecem pressupor a integração conceptual de metonímia, uma vez que aludem à relação PARTE-TODO. Com base nas ocorrências, tal metonímia pode gerenciar, pelo menos, dois sentidos: um que ressalta, mais uma vez, o termo “cu” como uma área de valor inegociável dentro de um domínio maior de áreas erógenas que compõem o corpo humano; outro, mais característico dos exemplares que envolvem a construção de transferência, em que o TODO pode ser associado ao processo custoso de se estabelecer relações sexuais com a PARTE em proeminência. Ambas as possibilidades de gerenciamento de sentidos da metonímia conceptual que parece motivar tais usos são interessantes, ainda, para pensar questões de senso comum atreladas à categorização mais geral dessa parte do corpo na sociedade brasileira, o que se mostra relevante para nossa abordagem.

Também se relacionando à metonímia PARTE-TODO, percebemos o terceiro nível de vinculação semântica do item “cu”, neste caso, tomado como um canal de sinestesia, ou seja, como uma via de acesso a emoções e sentimentos. Em “cu doce”, “fogo no cu”, “cu que não passa uma agulha”, “cu na mão” e “cu virado pra lua”, notadamente visualizamos uma relação padrão de forma e de sentido assim definida:

43

(i) Em todos os casos, a leitura é totalmente holística, apesar da relação PARTE-TODO ser facilmente recuperada pelo *frame* da fragilidade/delicadeza;

(ii) O sentido dessas ocorrências orbita a marcação de emoções: charme, euforia, medo e sorte, respectivamente;

(iii) Esse sentido parece se acomodar à forma geral (X)CU(Y)ESPECIFICAÇÃO ADJETIVA/LOCATIVA, sendo tal especificação posta à esquerda, como em “fogo no cu”, ou à direita, como nas demais.

Tais observações acenam a possibilidades de relacionar, em uma mesma análise, aspectos estruturais, semânticos, cognitivos e discursivos, na medida em que demonstra a harmonização entre padrões linguísticos, processos de licenciamento via integração conceptual específica (metonímica) e caráter distributivo-funcional com efeito humorístico.

Por fim, no quarto nível de vinculação semântica, em que o item “cu” é tomado pela primeira de modo ofensivo, notamos a ocorrência da metáfora conceptual IDEIA CONTRÁRIA É CU. A ocorrência que melhor ilustra esse processo é “Teu cu”, utilizada

em contexto de recusa de argumento contrário oferecido pelo interlocutor, com vistas a desqualificá-lo. Considerando esse dado, bem como seu contexto de uso e sua relação com a metáfora conceptual assinalada, podemos pressupor uma mudança de *frame*, pois, nesse caso, o item “cu” passa a evocar a estrutura conceptual de algo sujo, de desvalor, diferente das demais ocorrências do *corpus*. Assim, ao que tudo indica, a mudança de *frame* atrelada à metáfora opera como um mecanismo essencial para que esse exemplar exiba os contornos semântico-discursivos que lhes são intrínsecos em seu contexto de uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, sob um viés cognitivista em interface com os estudos sobre a construção do discurso humorístico, analisamos ocorrências do item “cu” em dois *reels* do Instagram, com o intuito de percebermos e evidenciarmos aspectos da integração conceptual na elaboração do humor. Não tivemos como pretensão esgotar o assunto, ou mesmo apresentar uma análise sem lacunas essenciais a trabalhos futuros, os quais podem incidir sobre outros escopos, tanto de *corpora*, quanto de enquadramento teórico dentro do vasto construto fornecido pela Linguística Cognitiva.

44

De acordo com a análise inicial que apresentamos neste trabalho, construções com a palavra “cu” no PB mostram-se produtivas e suscetíveis semanticamente em contextos humorísticos, na medida em que são produtos de integrações conceptuais específicas. Observamos que, além de satisfazerem a máximas que regulam o funcionamento do gênero humorístico, como as chamadas teorias do humor, expressões com “cu”, no contexto dos *reels* analisados, moldam-se a partir de mudanças de *frames*, metáforas e metonímias, demonstrando a relação entre integração conceptual e efeito cômico estável na comunidade de fala. Achados como esses, entre outros fatores, nos auxiliam a:

- a) Pensar no que leva a sociedade, de modo geral e implícito, ora categorizar um item lexical como pejorativo, ora achar nele motivo de riso, o que eleva ao plano discursivo-pragmático a noção de categorização radial proposta pela Linguística Cognitiva (Rosch, 1973; Fillmore, 1975);
- b) Compreender que a Linguística Cognitiva, em seu sentido amplo, como uma grande teia de teorias que refletem sobre a linguagem humana como um pro-

duto sociocultural, pode ser aplicada a diferentes domínios que perpassam a linguagem, inclusive a estruturação de discursos de diferentes tipificações, e não somente aqueles relacionados à análise linguística em si (Saliés, 2020; Freitas Jr; Nascimento, 2023).

Acreditamos, assim, que o presente artigo tem o potencial de estreitar as relações entre a Linguística Cognitiva e outros campos dos estudos da linguagem, de modo a anelar possibilidades de discussões sobre o fenômeno multifacetado da linguagem humana. Esperamos, portanto, que este trabalho some com outros já existentes na tarefa de incitar um diálogo interdisciplinar e de prospectar novas abordagens e perspectivas para a compreensão situada da natureza complexa da linguagem e suas implicações em diversos contextos sociais, culturais e cognitivos.

REFERÊNCIAS

ATTARDO, S. *Humor in Language*. Oxford Research Encyclopedia of Linguistics. United Kingdom: Oxford University Press, 2017.

BASSO, R. M. Palavrão é legal pra caral*o! *Revista Roseta*, v. 1, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.roseta.org.br/2018/08/17/palavrao-e-legal-pra-caralo/>.

BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre o cômico*. 2a Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BERNARDO, S.; NUNES, V. Morte em propaganda: teorias do humor, mesclagem e metáfora. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 17, n. 38, p. 8-28, 2023.

BORGES, P. Curiosidades sobre a origem da palavra cu. *Listologia*, 2024. Disponível em: <https://listologia.com/origem-da-palavra-cu/>. Acesso em: 11/02/2024.

CARMELINO, A. C. O pacto do insulto: variação estilística, moral e identificação em interações humorísticas. *Linguística*, v. 34, n. 1, p. 23-44, 2018.

COSTA; E. G. *Construção de sentidos: proposta didática para uma nova abordagem de metáfora como mecanismo da fala cotidiana*. 2019. 124p Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2019.

CROFT, W. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. *Cognitive Linguistics*, v. 4, pp. 335-370, 1993.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FILLMORE, C. J. An alternative to checklist theories of meaning. In: COGEN, C.; THOMPSON, H.; THURGOOD, G.; WHISTLER, K. (eds.). *Proceedings of the Berkeley Linguistic Society*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, pp. 123-131, 1975.

FILLMORE, C. J. Frame semantics and the nature of language. *Annals of the New York Academy of Sciences*, v. 280, n. 1, p. 20-32, 1976.

FILLMORE, C. J. Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction. *Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1985, p. 73-86.

FORCEVILLE, C. J. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. In: KRISTIANSEN, G.; ACHARD, M.; DIRVEN, R.; IBÁÑEZ, F. R. de M. (eds.). *Cognitive Linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 379-402. **46**

FREITAS JR, R.; NASCIMENTO, J. P. S. Funções e construções: pragmática, discurso e encapsulamento construcional. In: OLIVEIRA, M. R. (Org.); LOPES, M. G. (Org.). *Funcionalismo linguístico: interfaces*. Campinas, SP: Editora Pontes, pp. 139-164, 2023.

FREUD, S. [1927]. O humor. *Obras completas*, ESB, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

HELITZER, M.; SHATZ, M. A. *Comedy writing secrets: the best-selling book on how to think funny, write funny, act funny, and get paid for it*. Cincinnati, Ohio: Writer's Digest Book, 2005.

HOBBS, T. *Human Nature*. In: *The English Works of Thomas Hobbes of Malmesbury*, Vol. IV, edited by Sir William Molesworth. London: Bohn, 1839.

KUPERMANN, D. Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. *Psicologia clínica*, v. 22, p. 193-207, 2010.

KÖVECSES, Z. *Extended conceptual metaphor theory*. Cambridge. New York: Cambridge University Press, 2020.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. University of Chicago Press: Chicago, IL, 1980.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: A field guide to poetic metaphor*. University of Chicago Press, Chicago, IL, 1989.

LITTLEMORE, J. *Metonymy: hidden shortcuts in language, thought and communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

NUNES, V. F. Humor, Cinema e Propaganda: multimodalidade em estudo. *Revista Linguística Rio*, Vol. 7, Núm. 2 - ago.-dez, 2021.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. (ed.). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: Academic Press, p. 111-144, 1973.

47

RUIZ, E. El ser venezolano en su humor: identidad venezolana migrante y el consumo de podcasts, stand-up comedy y video reels humorísticos. *Temas de Comunicación*, n. 50, p. 65-91, 2025.

SALIÉS, T. G. *Linguística Cognitiva Aplicada: contextos profissionais e pedagógicos*. Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2020.

SOUSA, L. D. et al. Gênero Multimodais Digitais na Comunicação Através de Ferramentas Tecnológicas. *Revista Transformar*, v. 15, n. 1, p. 294-307, 2021.

SPENCER, H. La physiologie du rire. In: *Essais de morale, de science et d'esthétique*. Trad. M. A. Burdeau. Paris: Librairie Germer Baillière, 1879.

VERBETE CU. In: *DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cu/>. Acesso em: 11/02/2024.

VOESE, I. O discurso humorístico: um estudo introdutório. *Leitura*, n. 5-6, p. 7-20, 1989.